

A obra de Paul Virilio antecipa muitas das discussões que logo se tornariam centrais para compreender algumas mudanças importantes nos modos de vida da atual sociedade tecnologizada. Entre outros fenômenos que marcam o espírito desta época, o autor examina o paradoxo entre velocidade e inércia, as transformações das experiências em comum suscitadas pela "virtualização" generalizada, bem como as novas formas de isolamento e dispersão que se intensificaram com a expansão das redes digitais e a multiplicação das telas.

Partindo do exemplo da *picnolepsia* – um estado de “ausência” no qual ocorre uma suspensão da percepção ordinária experimentada como uma pausa entre consciência e inconsciência –, Virilio analisa a captura da frequência temporal subjetiva pelos dispositivos cinemáticos. Essa interrupção da vigília -- que, em certo sentido, é comparável a outros “tempos mortos”, como o sono e a contemplação – foi considerada um obstáculo às demandas capitalistas por uma percepção sempre alerta e produtiva. Por isso, esse modo disruptivo ou “inútil” de experimentar o tempo não cessa de ser modulado por um arsenal de máquinas da visão que procuram canalizar essa breve descontinuidade por meio de velozes efeitos de montagem, tornando cada vez mais obsoletos os exercícios do olhar contemplativo e da vida imaginativa.

Essa "logística da percepção" tem acelerado os ritmos e racionalizado o que é subjetivo, como parte de um processo maior de homogeneização sensorial, instaurando assim uma temporalidade espasmódica e centrífuga. Nesse quadro, que já foi considerado distópico, *Estética da desapareição* anuncia “a importância política do parar” diante da iminência de uma possível catástrofe, cada vez mais avançada, em cujo horizonte se vislumbram tanto o esgotamento dos recursos naturais como o colapso dos “recursos humanos”.

*Paula Sibilia*